

HÁBITOS, RUPTURAS E NOVAS POSSIBILIDADES DE COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO E DE CONHECIMENTO

artigo de revisão

Maria José Vicentini Jorente*
Plácida L. V. Amorim da Costa Santos**

RESUMO

A tessitura dos mundos que conhecemos é construída por hábitos e condicionada por crenças estabelecidas, por meio das quais filtramos e conformamos um universo circunscrito. Este processo de construção torna essencial entender as formas de “captura e recontextualização da Informação” e também elucidar a participação dos princípios ou leis que regulamentam e estruturam as formas de pensar e agir criativamente na contemporaneidade. Neste artigo se tem a proposta de apontar que a Ciência da Informação ao estudar o conjunto de modificações em relação ao estabelecimento dos novos hábitos da Sociedade da Informação deve oferecer indicadores sócio-culturais relevantes para a compreensão de nosso momento histórico. Para tanto se apresentam alguns momentos extraídos do contexto destas modificações no aspecto do *continuum* dos desejos da informação e do conhecimento compartilhados. O movimento exige um recuo significativo do olhar, situando-o simultaneamente no âmbito das relações entre hábito e ruptura como movimentos que tecem as relações do mundo, do humano e das distintas mudanças culturais.

Palavras-chave: Informação e Tecnologia. Hábitos. Informação Compartilhada. Informação e Conhecimento.

* Profª Drª no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista - Unesp.
E-mail: mjjorente@marilia.unesp.br.

** Profª Drª no Departamento e no Programa de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista - Unesp.
E-mail: placida@marilia.unesp.br.

I INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem sido incansavelmente descrita como um novo ambiente global sócio-cultural - econômica, tecnológica e educacionalmente - transformada com bases na comunicação da informação, no conhecimento e na aprendizagem. Neste novo ambiente, diversas estratégias de disseminação da informação parecem ter emergido com papel significativo na construção do conhecimento: foram, no entanto, procedimentos sintetizados ao longo dos séculos como conceitos essenciais do que só atualmente denominou-se e propagou-se como

uma Era Global da Informação, Conhecimento ou Aprendizagem.

Palavras de ordem, quase mantras, repetidas muitas vezes sem a devida reflexão podem, porém, equivocadamente, nublar no prisma das realidades sócio dinâmicas da história ocidental a face das relações humanas envolvidas nos processos das transições tecnológicas, pois o mais iridescente e o que mais impressiona é sempre a materialização pura e simples das novas tecnologias na objetuária emblemática e em suas imposições operacionais.

Para a Ciência da Informação, como ciência do humano, estudar o conjunto de modificações em relação ao estabelecimento dos novos hábitos

da Sociedade da Informação deve resultar em indicadores sócio-culturais relevantes para a compreensão de nosso momento histórico.

Na perspectiva que se apresenta neste artigo, procuramos estudar alguns momentos extraídos do contexto destas modificações no aspecto do *continuum* dos desejos da informação e do conhecimento compartilhados. Isto exige, para acordar com o acima apontado, um recuo significativo do olhar, situando-o simultaneamente no âmbito das relações entre hábito e ruptura como movimentos que tecem as relações do mundo, do humano e das distintas mudanças culturais.

Se a tessitura dos mundos que conhecemos é construída por hábitos e condicionada por crenças estabelecidas, por meio das quais filtramos e conformamos um universo circunscrito, é essencial entender as formas de “captura e recontextualização da Informação” e também elucidar a participação dos princípios ou leis que regulamentam e estruturam as formas de pensar e agir criativamente na contemporaneidade.

James Jerome Gibson, doutorado em psicologia na Princeton University dos EUA, e considerado o mais importante psicólogo do século XX no campo da percepção visual, cunhou no seu estudo publicado como *The Perception of the Visual World*, de 1950, o termo ‘*affordance*’, referindo-se às oportunidades para ação proporcionadas por um ambiente ou objeto em particular e, portanto, fortes criadoras de hábitos.

Ao partir do verbo *to afford* (poder, proporcionar, propiciar, fornecer), Gibson criou o substantivo *affordance* e a ele deu também significação própria: as possibilidades oferecidas por um ambiente para um agente. Tais possibilidades podem referir-se à locomoção, ao manuseio ou às interações sociais. A definição de *affordance*, como a qualidade de um objeto ou de um ambiente que permite a um indivíduo realizar uma ação, possibilita sua utilização em vários campos, como na psicologia de percepção, na psicologia cognitiva, na psicologia de ambiente, no *design* e, contemporaneamente, na interação homem-computador (I.H.C.), no *design* de interação e na inteligência artificial. A razão para o conceito de *affordance* tornar-se tão importante no campo do *design* e da ergonomia é sua função contextualizadora do potencial das formatações dos objetos e representações, que permite aos inventores e criadores provocar, por meio do

conhecimento científico de tais potencialidades e das suas formatações, interações desejáveis. É o caso da criação de objetos ápticos como as maçanetas arredondadas para as portas, que convidam o usuário a girá-las.

Em *The ecological approach to visual perception*, de 1979, Gibson melhor definiu dois princípios reguladores. O primeiro, naturalmente derivado do conceito de *affordance*, é o princípio da mutualidade sujeito-ambiente que pressupõe “a existência de um plano relacional que molda a identidade dos agentes e do ambiente que os cerca” (GONZALEZ, 2000, p.246-7). A ordem experienciada é sempre referente a um agente. Em nossa abordagem, este agente é um humano, sujeito à criação de hábitos que moldam e são moldados pelo ecossistema no qual se insere este humano: “[...] Cada membro de uma espécie, na sua ação cotidiana, reúne diferentes planos de existência, os quais integradamente dão lugar às distintas “visões de mundo”. (GONZALEZ, 2000, p.246-7).

O segundo princípio é identificado por Gibson como “princípio de emergência”, por meio do qual emergem propriedades globais em sistemas complexos. “[...] Cujas características específicas só podem ser encontradas no produto da interação global, espontânea, que se estabelece entre os elementos deste sistema no plano microscópico.” (GONZALEZ, 2000, p.247).

O conjunto, levantado pela articulação dos (dois) princípios de mutualidade sujeito-ambiente e de emergência, regula a necessidade iminente de um novo padrão do olhar: o da sugestão de um continuum espaço-temporal entre o homem e o mundo, de acordo com as principais mudanças e as novas formas de viver geralmente representadas pelas tecnologias de informação e de comunicação.

As mudanças sócio-culturais engendradas são as resultantes de novas maneiras de ver, e simultaneamente, suas provocadoras. Os registros informacionais são reorganizados muito rapidamente em padrões de compreensão e uma nova periodicidade se estabelece, um novo hábito do olhar se consolida.

A função da reorganização é essencialmente cognitiva, reflexiva em relação ao aprendizado da forma e função, conhecimento e emprego do objeto. Um criador/inventor assume também no seu ecossistema o papel de instrutor, que detém um saber a ser comunicado por meio de

um código, considerado um sistema de signos. Os materiais empregados possuem realidade objetual, material, específica do código, as ferramentas de trabalho se modificam.

Entretanto, os movimentos de ruptura necessitam de um contraponto dialético, um fio de Ariadne ligando-os aos hábitos consolidados - o fio do hábito de necessária presentificação, para que seja notado o seu rompimento. A nova informação só será notada se estiver amparada na memória daquela que já foi consumida e cuja cristalização organizacional impede novas articulações.

Elemento motor da criatividade e da invenção - dos momentos de interrupção dos ciclos de hábitos por meio dos quais novas interações sistêmicas reelaboram suas inter-relações - a abdução, momento de percepção de anomalia ou de surpresa nos ciclos vitais de todos os organismos vivos, levanta novas hipóteses para a reequilibração dos padrões de ordem estabelecidos nos seus macrocosmos. A abdução pode também ser definida como o momento de *insight*, geradora de mudanças microcósmicas, estabelecadora de novos hábitos entre os indivíduos, que posteriormente tendem a fixar-se como crenças estáveis e que assim criam uma ciclicidade entre hábito e surpresa, tradição e ruptura.

A hipótese de Peirce, fundamental para o entendimento de sua lógica da descoberta, é que a mente, motivada pelo desconforto da surpresa e da dúvida, iniciará uma busca de novos hábitos ou conjunto de crenças que permitam a eliminação, em especial, daquelas dúvidas que a tornam instável. Tal busca apenas será interrompida quando essas novas crenças forem estabelecidas e os fatos surpreendentes ou anômalos puderem ser vistos não problemáticos, triviais ou como "algo que se poderia esperar"(GONZALEZ, 2000, p.252).

Em contexto similar, Peirce situa o pensamento criativo ou inventivo como um elemento central auto-estruturador do cosmos, motor da dinâmica de auto geração e expansão de estados mentais, e também responsável pela produção de novos hábitos. Os hábitos são para Peirce, portanto, lei fundamental cósmica reguladora de repetições, estáveis ou instáveis, criadores de padrões que os conduzem à condição

de crenças controladoras do indivíduo e de seu entorno social. Com maior ou menor grau de controle, dependentes da sua estabilidade, segundo Peirce, os hábitos abrem caminho para as crenças até que alguma surpresa e um novo levantamento de hipótese quebre novamente o ciclo.

A informação tem um papel fundamental para o levantamento de hipóteses na tentativa de resolver a surpresa ou o conflito que acima denominamos abdução; papel de direcionamento dos ciclos de hábitos e rupturas, pois a percepção de anomalias só acontece a partir de algum tipo de formalização informacional: hábito e surpresa devem estar, de alguma maneira, representados por registro informacional.

A memória é ordenador natural dos processos abduativos ao conservar padrões vivos de geração em geração. A sua atualização se dá dioturnamente pelos rituais dos hábitos consolidados por meio dos quais a mente experiência o mundo.

Os arranjos informacionais de representação, suportados pelos padrões, determinam o que é possível conhecer dos objetos ou dos assuntos que vivenciamos. Os hábitos e a crença estável condicionam nosso olhar e aquilo que nos é possível enxergar: o que apreendemos culturalmente a ver como informação nos códigos de comunicação. A elaboração destas informações em novas estruturas sistêmicas e a sua complexidade informacional depende das articulações semióticas que são importadas e que transitam nas novas conformações representacionais e de apresentação.

Os produtos e invenções resultantes destas elaborações possibilitam-nos estudar as inter-relações estabelecidas entre os seus sistemas e aqueles que constituem a trama e a urdidura social; inter-relações que irão, por sua vez, reelaborar as faces das culturas em momentos determinados por processos dinâmicos e complexos.

Cabe aí notar, entretanto, o aspecto da cumplicidade necessária entre os indivíduos envolvidos nos processos psico-cognitivos e comunicacionais, pois sem ela não há informação significativa, não há comunicação, não há conhecimento. Produzir conhecimento é intervir nos conteúdos das informações relacionando-as em processos de trabalho intelectual compactuado. Os sistemas informacionais dos criadores de novos produtos e invenções e dos seus receptores

se entrecruzam, construindo o contexto específico em que ocorre a interação comunicativa. Se novas hipóteses são levantadas nos relacionamentos de qualquer um dos sistemas, ocorrerão mudanças contextuais atingindo extensivamente os outros sistemas.

A percepção deste entrelaçamento de sistemas das realidades tem transferido o eixo dos estudos culturais, primeiramente para o receptor e, mais contemporaneamente, para o contexto da interação comunicacional entre os sistemas. Seguindo esta tendência, autores de diversas áreas das ciências humanas buscam discutir e reconceitualizar o próprio termo Cultura.

Entre eles, Hanna Arendt, em *A crise da Cultura* (1972, p.249), capítulo seis de seu clássico *Entre o passado e o Futuro* (1972), afirma que no ocidente, a partir da modernidade, os produtores dos objetos culturais necessitam praticamente se voltar contra a sociedade, embora com ela comprometidos. Na medida em que a esfera da cultura produz objetos tangíveis como edifícios, livros, pinturas, etc., esta esfera “testemunha todo o passado registrado de países, nações e, por fim, da humanidade” (*idem* p.254); mas também é desta esfera e de suas formalizações que se vale todo um contingente social, de maneira filisteísta, utilitarista. Arendt destaca então, que o único critério não social, porém autêntico para o julgamento de objetos produzidos pela cultura é a sua permanência no tempo: “somente o que durará através dos séculos pode se pretender em última instância um objeto cultural” (*idem*, p.255). A forma sobre a qual se materializa qualquer objeto no mundo pode destiná-lo ao mero consumo, ao uso e ao esgotamento, porém pode também removê-lo desta condição; movimentos controlados pelo tempo.

Neste condicionamento temporal à permanência, o texto de Arendt remete o conceito de cultura à sua origem romana “colere” que significa cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar; significações ainda muito próximas de sua origem ligada à intervenção humana no mundo natural visando habitá-lo. Cícero teria usado o termo pela primeira vez referindo-o a questões do “espírito e da alma” (ARENDR 1972, p.265) definidos nesta concepção como campo continuamente cultivado. Para a autora, entretanto, na cultura grega, prevalecera opostamente o conceito de fabricar; fabricação envolve *techne*, artifícios

técnicos com os quais se domina a natureza, mais do que se a cultiva, e assim enfatizam-se nesta concepção os movimentos de ruptura. As relações dialéticas entre estas duas conceituações das transformações culturais são constitutivas das mudanças que se impõem no tempo: por um contínuo transformador de micro estruturas e/ou por rupturas enfáticas caracterizadas como revoluções.

O Novo como ruptura, criador de necessidades inéditas, ao instituir novos desejos e hábitos de consumo, antecipa na formação da sociedade burguesa européia os constantes movimentos que vieram posteriormente a constituir a modernidade. Por outro lado, a invenção de um novo identificado principalmente com rupturas incorpora, como abduções dos hábitos do olhar, novos materiais, novas formas organizacionais da informação e novos conceitos, todos regidos pelo uso disseminado das então novas tecnologias, e provocam uma enorme revolução cultural.

2 HÁBITO E RUPTURA: A IMPRESSÃO COM TIPOS MÓVEIS COMO AGENTE TRANSFORMADOR NO SÉCULO XV

O processo de impressão com tipos móveis é exemplar para o exercício de pensar os movimentos de criação e de invenção do ponto de vista da articulação entre hábito e ruptura condicionados pela informação.

Encontramos o século XV como momento de estabelecimento de cisões com os hábitos seculares e de mudança de paradigmas nos diversos sistemas que se entrecruzam, em que o próprio conceito de realidade passa por questionamentos e modificações. É também o momento da criação de novos hábitos e crenças em processos de auto-organização: os levantamentos de hipóteses, sistematicamente adotados pelo cientificismo que predominou nos séculos seguintes, criaram um espírito de pesquisa muito de acordo com os processos de impressão que se desenvolveram em paralelo, impondo conjuntamente práticas culturais que se tornaram internacionais e predominantes até o advento da internet e das redes de informação e comunicação.

Pela linha de continuidade, importações de áreas de distintas culturas -como a do cultivo vinícola, no caso da prensa, e das punções usadas

para cunhar moedas, recortadas e transformadas nas patrízes e matrizes dos tipos encarreirados-trafegam por toda a história da humanidade rompendo com barreiras de tempo e lugar e elevando-se a um patamar capaz de superar as contradições pessoais, sociais e históricas. Ao criar levantamentos de hipóteses que resintetizam informações correntes na estrutura sócio cultural em mutação e “olhar à frente”, estas hipóteses separam-se de seu contexto original e ganham independência; no decorrer do tempo fixam-se como hábitos e crenças e transformam-se em novos parâmetros de ordem. Mecanismos de ajuste ligados aos de aprendizagem garantem a estabilidade dos padrões e dos parâmetros de ordem:

Conforme ressalta Haken (1999), parâmetros de ordem são formas estruturadoras emergentes da dinâmica de interação entre elementos do plano microscópico, as quais produzem novas características em escalas macroscópicas. Uma propriedade importante dos parâmetros de ordem é que, uma vez formados, eles subjulgam e restringem o movimento dos elementos individuais (no plano microscópico) que lhes deram origem, tornando o comportamento dos mesmos, em certo sentido, previsíveis (GONZALEZ, 2000, p.248).

Por meio destes parâmetros de ordem, em resposta a perturbações do ambiente, a invenção da prensa com tipos móveis irá influenciar dramaticamente os séculos posteriores. Provocará a serialização dos procedimentos por ela inaugurados como prática; enfatizará a abdução como forma privilegiada de trabalho; criará desequilíbrios por levantamentos de hipóteses próprios de suas linguagens e de suas codificações e conduzirá processos de reequilíbrio concomitantes à reafirmação de procedimentos avalizados por crenças anteriores.

Assim, na Alemanha, berço da criação/invenção da prensa, quando se rompe a estabilidade do mundo rural apoiada pelas crenças até então mantidas e reafirmadas pela religião, quando progressivamente se movimentam massas populacionais para as cidades, as condições da cultura urbana, entre elas a imprensa em seu momento nascente, manifestam com mais visibilidade possibilidades de novas relações concretizadas oportunamente como mídia de acordo com suas propostas

formais, estéticas e conteudísticas. A aceitação e a regulamentação do novo código, em forma de produção de materiais impressos somados às ideologias externas a estes -de cunho político/religioso participativo- sociabiliza a prática, até então restrita, como uma arte, às oficinas e aos mestres de impressão. Sintetizam-se, aí sim, novos objetos simbólico-emblemáticos no espaço da vida -livros, panfletos, elementos de comunicação visual; materiais, engrenagens, maquinários- como dinamizadores de uma sociedade nova.

Gonzalez e Haselager (2002, p.29) -ainda na definição dos parâmetros de ordem- demonstram que um padrão produzido por sistemas governados por parâmetros de ordem recém definidos podem produzir aspectos do Novo associados à criação e invenção, “[...] no sentido de que ele não precisa relacionar-se com padrões antigos de modo direto. Mesmo mudanças inicialmente pequenas em um parâmetro de ordem podem dar lugar a padrões comportamentais muito diferentes”.

Uma pequena mudança no comportamento, por exemplo, de um organismo (sob a influência de perturbações), pode produzir respostas do ambiente que conduzem a comportamentos ligeiramente diferentes, e assim sucessivamente. Esse processo circular pode desencadear uma cascata de interações entre o organismo e o meio ambiente, produzindo padrões comportamentais que não possuem uma conexão direta com os comportamentos existentes antes da perturbação(GONZALEZ, HASELAGER, 2002 p.29).

A prensa com tipos móveis foi esta perturbação, primeiro na Alemanha e posteriormente no panorama internacional. Suas alternativas de reprodução configuraram também o ponto de mutação de uma Itália que se situa em outro contexto naquele mesmo século: recebe intelectuais refugiados da queda do Império Romano do Oriente pela conquista otomana de Constantinopla e importa simultaneamente os recém formados mestres de imprensa da Alemanha. Duas formas distintas, porém complementares de inteligência, conhecimento e saberes, certamente definitivas e essenciais. A capacitação oferecida pela nova tecnologia para a reprodução de saberes antes preservados

e restritos à cultura Greco-Romana Oriental foi um dos motores de arranque do chamado Renascimento. O que atualmente enxergamos sob o olhar da compressão referida por Mark Turner em *The Art of compression* (2006) aconteceu, porém, com teores de ruptura muito bem balanceados com a continuidade de hábitos do medievo.

Em pontos distintos do continente europeu, a disputa pelo poder entre a realeza e o papado na virada do século XII e XIII havia influenciado o surgimento de universidades, como pontos de apoio político e cultural. Entre os elementos de continuidade relacionados ao surgimento das universidades está o fato da sua contextualização urbana no acompanhar do reaparecimento e desenvolvimento das cidades na Europa e do conseqüente papel social atribuído ao saber e aos homens de saber nas sociedades urbanas - respeito que permitiu certa independência à rigidez do poder eclesiástico, progressos nos domínios dos métodos de trabalho (levando ao subsequente cientificismo) e a difusão de conhecimento. O decorrer dos fatos parece ter sido, no entanto, mais lento e mais continuísta do que se poderia supor.

Roger Chartier, neste mesmo sentido, aponta em "As práticas da escrita" (1993) a recusa dos letrados à imprensa, controversamente ao esperado:

[...] Na passagem do século XV para o XVI, o tema é freqüente. Assim, em Veneza, o dominicano Filippo di Strata desenvolve contra a invenção de Gutenberg uma argumentação partilhada por grande parte do Senado da cidade. Para ele a imprensa é muitas vezes culpada: corrompe os textos, publicando-os em edições apressadas e falhas, que visam apenas o lucro; corrompe as mentes, difundindo textos imorais e heterodoxos, subtraídos ao controle das autoridades eclesiásticas; corrompe o próprio saber, aviltado pelo simples fato de sua divulgação entre ignorantes (CHARTIER, 1993, p.125).

Devemos lembrar que Veneza era o maior centro impressor na Itália e local da editora Imprensa Aldina de Aldo Manúcio desde 1490. A casa impressora foi responsável por uma diversidade de invenções/criações que propuseram um *design* próprio da organização da informação no âmbito da nova tecnologia: a tipografia e a editoração. Entre elas, o

aparecimento de subsistemas de tipos ainda hoje utilizados, como o romano de Francesco Griffo, da econômica escrita itálica e do sinal de ponto e vírgula, elementos então revolucionadores das formatações textuais. Manúcio era produtor de livros com este avançado *design* baseado em pequenas formatações a partir da dobra em oitavo e impressos sobre suporte *vellum*, de pele de bovinos e ovinos e, particularmente, baratos para os padrões da época. Na coordenação da empresa revolucionária reproduziu, auxiliado por uma equipe de cerca de trinta especialistas em língua grega e de revisores de manuscritos clássicos nesta língua, uma série de obras seminais, de autores como Aristóteles, Aristófanes, Sofócles, Eurípedes, Demóstenes e Heródoto. Portanto, a improcedência das reclamações de Strata só pode se justificar por outras razões que não as da qualidade.

Além do caso particular da Itália, na França e na Inglaterra, onde as Universidades vivenciavam correntes opostas do pensamento agostiniano e tomasiano¹¹, a nova tecnologia da prensa não deveria atender às demandas de consumo de textos nas Universidades em sua condição de novos espaços de construção e de preservação do conhecimento e dos saberes? É fato revelador que, em 1470, Ulrich Gering de Constance e dois companheiros tenham instalado sua oficina próxima da Sorbonne, Paris. Os primeiros livros editados na Sorbonne, no prelo de Ulrich Gering, em 1470-1472, foram um manual italiano de arte epistolar de Gasparin de Bergame. Gering editou também Salluste, Cícero, Perse, Juvenal e os modernos (os *Elegantiae* de Lorenzo Valla e a *Rhétorique* do próprio Fichet).

1 Agostinho de Hipona (Aurelius Augustinus), ou Santo Agostinho (Tagaste, 13 de novembro de 354 — Hipona, 28 de agosto de 430), foi bispo, escritor, teólogo, filósofo, padre, Doutor da Igreja Católica e figura essencial no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente, de profunda influência sobre o homem medieval. Inicialmente maniqueísta e neoplatônico da corrente de Plotino, posteriormente convertido e batizado (387), desenvolveu abordagem própria da filosofia e teologia sob metodologia e perspectiva diferentes. Aprofundou o conceito de pecado original e, durante o processo de desintegração do Império Romano do Ocidente elaborou o conceito de Igreja como a cidade espiritual de Deus, distinta da cidade material do homem. Católicos e correntes protestantes, especialmente as calvinistas, consideram-no como um dos pais teólogos da Reforma Protestante ensinando a salvação e a graça divina. Tomás de Aquino (Roccasecca, 1225 — Fossanova, 7 de março 1274) foi padre dominicano, teólogo, expoente da escolástica, proclamado santo e Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Discípulo de Santo Alberto Magno, estudou filosofia em Nápoles, Colônia e Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas sob reinado de Luís IX de França. Em seus trabalhos buscou uma síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo redescoberto na Idade Média na Escolástica anterior, de forma a obter uma sólida base filosófica para a teologia e simultaneamente retificar o materialismo de Aristóteles.

Porém, já em 1472, Gering deixara a Sorbonne e, tendo transferido sua oficina para a Rua Saint-Jacques, retornou aos textos universitários mais tradicionais e, particularmente, às obras de piedade.

Dados demonstram que de 27.000 edições impressas na Europa antes de 1500 somente 15% vinham de edições francesas e por volta de 1480 a proporção de obras impressas nas “bibliotecas do saber” francesas não passava dos 6%. Foi apenas por volta de 1500 que tal proporção elevou-se a mais de 50%, com uma evolução numérica ainda mais lenta na Inglaterra. Os textos impressos do século XV foram, em sua grande maioria, textos “medievais” cujo mercado era já assegurado. Só posteriormente foram os textos humanistas, (clássicos latinos e, cada vez mais, os gregos) e as obras de autores italianos recentes os livros impressos mais procurados pelos letrados.

No entanto, estas pequenas perturbações microcósicas dos parâmetros de ordem, subsistemas de novos arranjos sociais, são contextualmente sistemas coligados pelo que Gonzalez e Haselager denominam cascata de interações e necessitam ser religados para um melhor entendimento dos vestígios históricos que costumamos assumir como um todo.

Ao levantamento de hipóteses realizado pelo surgimento da prensa coube a tarefa de vencer as limitações locais pela superposição de vários momentos de abduções em que parâmetros de ordem, que possam ter se sucedido temporal ou seriadamente, atualmente se nos apresentam em concomitância.

3 NOVAS POSSIBILIDADES DE COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO

Os processos de transformação nos discursos dos sistemas da impressão, como em todos os sistemas, sempre se realizam por meio de relações claras de períodos de hábito intercalados por novas hipóteses que criam pequenas alterações em momentos de continuidade ou de grandes rupturas naqueles ditos mais revolucionários. Contudo, mesmo estes, submetidos a uma análise mais delongada, mostrar-se-ão uma seqüência superposta de pequenas alterações que, por algumas razões, só ganham visibilidade como um conjunto maior e mais chocante de transformações, em um

processo de distanciamento para a compressão do decurso histórico.

As historiografias oficiais sempre se firmaram em narrativas construídas do ponto de vista dos vitoriosos. Ao fazê-lo, aceitaram como realidade alguns mitos: o das explicações totalizantes da história, da ciência e da cultura, o do progresso, o da origem étnica e o de valores baseados em hierarquias que provinham destas metanarrativas - sistemas engendrados na combinação de unidades narrativas que propunham a construção do progresso por meio das ciências e das tecnologias.

Na modernidade se firmaram hábitos e crenças em torno de um real constituído por identidades unificadas e possibilidades de separação entre significantes, localizados na superfície dos eventos, e significados, representados pelos conteúdos profundos que totalizados deveriam comprovar a sua autenticidade como originais. As narrativas modernas reafirmaram também as dicotomias entre alta e baixa cultura, que podemos observar tanto nos discursos dos doutos que viam na prensa uma ameaça à pureza de um saber reservado às classes dominantes, quanto no das vozes populares que temiam os ardis de dominação submergidos na dificuldade do aprendizado dos códigos da leitura e da escrita de documentos e também por hábitos arraigados da cultura européia. Estas crenças que já não respondiam aos desafios do mundo (e que, no entanto, sobrevivem mesmo na pós-modernidade) se relacionavam ao momento ainda anterior das culturas orais. O consenso na normatização e na autoridade da alta cultura, ou da cultura oficial, melhor dizendo, confirma na modernidade determinados valores e discriminações.

Neste sentido, mesmo o enciclopédismo se constrói sobre a centralização de vozes e saberes, medias e mídias específicos. São totalizadas no modelo de informação e comunicação de um para muitos e construídas sobre a aceitação de uma centralidade na disseminação do conhecimento, o que implica na sua determinância, oposta à dependência e hierarquização do proveniente de esferas periféricas; e também, em última instância, implica na ênfase da dicotomia entre homem e máquina, entre orgânico e inorgânico, entre informação e conhecimento.

Por outro lado, firma-se no final da modernidade, o valor do livro como o

detentor suficiente do mundo e da biblioteca tradicional como um sistema total e completo de conhecimento impresso – o novo hábito ganha o status consolidado de crença. Contudo, a característica de simultaneidade, cada vez mais presente nos processos de informação e conhecimento em finais da modernidade enfatiza limites, revolução e reação, apresentação, solução ou falibilidade destas hipóteses. Tais processos colocados em questão por novos procedimentos metodológicos, advindos de olhares transdisciplinarizantes, criam uma rede de novas possibilidades de tratamento do código de comunicação no qual estão sistematizados e ampliam, por meio de um levantamento de hipóteses infinito, movimentos de reflexão e de exploração das possibilidades e da capacidade comunicativa do sistema e de seus usuários. Esta contínua atualização constrói as histórias e as culturas.

Encontramo-nos paradoxalmente neste momento com novos desafios a requerer novos levantamentos de hipóteses, situados no contexto da pós-industrialização e do capitalismo multi e transnacional, constructos teóricos que caracterizam a pós-modernidade, mas que ainda estão profundamente calcados na imagem do moderno, tornando difícil um consenso sobre história, identidade e valores culturais que poderiam ser uma base sólida de avaliação. Como uma condição histórica e cultural o momento está- segundo um dos principais teóricos deste momento de transição, Jean François Lyotard, que escreve em *A condição pós-moderna: um relatório sobre o conhecimento* - baseado na dissolução das principais narrativas ou metanarrativas do moderno e na crise das ideologias.

O prefixo “pós” enfatiza e cristaliza o caráter de compressão temporal entre oposição e continuidade dos hábitos modernos a que temos nos referido e o ecletismo formal representacional -realizado por meio das hibridizações da diversidade de formas, gêneros, recortes estilísticos de diferentes culturas e períodos históricos- pode ser creditado, se não inteiramente, em grande parte, ao anterior momento de disseminação massiva de informação. A via percorrida para isto foi naturalmente o fenômeno informacional do moderno tardio que se tornou conhecido como aldeia global e que se firmou nos meios de comunicação de massa no momento crítico de mudança de paradigma bem

descrito por Marshall McLuhan. Redefiniram-se aí novas identidades e fronteiras; ou melhor, se erodiram e se dissolveram fronteiras nacionais, lingüísticas, étnicas e culturais. Neste contexto, faz todo o sentido falar de Era da informação e do conhecimento.

Também neste contexto, é que o conceito de originalidade não se opõe, mas é complementar à originalidade e torna-se claro que só por meio da articulação destas duas práticas criativas e/ou inventivas é possível o advento de qualquer novidade. Se a cultura moderna procurou a ênfase de um destes aspectos por necessidade de um ineditismo convocado pelas práticas das sociedades comerciais e industriais, torna-se impossível atualmente ignorar o método construtivo apoiado na dialética, a sua constituição híbrida de origem e continuidade de hábitos subsidiando rupturas.

Na pós-modernidade, a afirmação do documento eletrônico aparentemente reforça o aspecto de ruptura devido às mudanças mais visíveis no suporte documental, as representadas nas telas das interfaces computacionais: os hábitos modernos de focar as atenções no novo tendem assim aos aspectos tecnológicos - que são os mais facilmente identificáveis - aos dados da ruptura. São ignoradas vozes como a do próprio Theodore Nelson, que definiu o hipertexto eletrônico pela primeira vez. Nestas primeiras definições Nelson apontava que o foco do *design* do documento eletrônico, embora profundamente intrincado com as novas tecnologias, não deveria se resumir à tecnologia ditada por necessidades como as de encanamento ou aerodinâmica. Recomendava que, ao contrário, o *design* documental hipertextual fosse re-centralizado como um sistema de decisões conscientes; sobre a forma que as coisas deveriam ser, “como na arquitetura, música, ou *design* de jogos: [...] o *design* de nossos documentos eletrônicos formatou o mundo de hoje” (NELSON, 1999, tradução nossa).

Ao adotar hipóteses localizadas na linha de continuidade com a comunicação escrita e textual do documento buscamos também a definição do termo *design* e suas origens, encontrando-derivada, originalmente, do latim *designare*. Na mesma linha de continuidade, o termo ganhou no italiano o sinonimo “representare”. Adaptado para o inglês, *design*, significava, no século XVIII, plano de uma obra de arte, e foi daí que nos séculos imediatamente posteriores desenvolveu-

se para se tornar uma disciplina. Sua origem latina, *designare*, no entanto, compreende simultaneamente a idéia de desenho e desígnio e implica o conceito de um objeto em vias de produção. Vincula-se assim à processos técnicos e criativos de configuração, concepção, elaboração e especificação orientados por uma intenção ou objetivo, ou para a solução de problemas. Estes últimos podem incluir uma ampla variedade de campos, situados em ambitos do doméstico, do comercial, do industrial, de objetos físicos e/ou digitais e de imagens -impressas ou não, analógicas e/ou digitais. Envolve, conseqüentemente, e principalmente, forma e estética, pois nos planos de contato criados pela rede de percepções, as formas hipertextuais de apresentação da realidade virtual interferem no senso estético e inauguram novas cognições e conhecimento; segundo o mesmo método investigativo continuísta anterior, a palavra estética tem sua origem no grego *aisthesis*, sentir.

Na sua contraposição dialética e mais próxima das definições ligadas à continuidade em relação aos avanços na esfera da técnica há, por outro lado, o novo percurso para a vivência, o sentir das reinvenções de maneira que o grande público possa digeri-las. Durante este percurso, uma mudança significativa no seu valor é voltada para o usuário comum e neste momento é que uma nova tecnologia se mostra relevante ou não.

O hipertexto e os *hyperlinks*, que na *web* e na internet transformam a leitura em navegação, criam mapas por meio dos quais se pode explorar e expandir engajamento em interatividade; ao fazê-lo reverberam as ações individuais de empoderamento informacional e de conhecimento possível a qualquer um que acesse a rede na busca de interação. Os participantes destes processos de *design* saem da posição de observadores, simples leitores, e corrompem a relação anterior de sistema de informação de um para muitos, para a condição de participantes de diálogos que tem na *web* um banco de memória imediatamente acessível e formador de identidades. Em um segundo momento, quando do desenvolvimento das plataformas, o hipertexto possibilitará a todos a produção e publicação de informação, transformando radicalmente o paradigma anterior e propondo um novo: a criação e disseminação da informação e conhecimento de muitos para muitos.

Em 1946, "*As we may think*", de Vannevar Bush faz referência à apropriação das invenções e a sua usabilidade em seus momentos históricos delimitados. Precursor do hipertexto, inspirou Theodore Nelson, ao considerar a operacionalidade associativa da mente e criticar a indexação da informação alfabética e numericamente, e ao afirmar que o pensamento é mantido em uma teia de conhecimento no cérebro e que o ideal seria encontrar formas de se fazer algo análogo de forma automatizada.

Sob o governo de Roosevelt, Bush havia, em 1945, reelaborado uma noção de biblioteca universal composta sobre uma estrutura de máquina em que era possível armazenar uma grande quantidade de informação e a chamou Memex. A proposta introduzia a idéia de um acesso simples e individualmente configurável às informações previamente armazenadas em um repositório digital. O Memex seria a resposta às limitações da indexação; armazenaria publicações de tipos distintos conjuntamente e suplementarmente à memória humana.

O dispositivo era uma mesa de trabalho, com telas para projeção, teclado, botões e alavancas. Os conteúdos eram armazenados em microfilme em um canto da mesa, indexados por meio de códigos mnemônicos para acesso fácil. Para folhear as páginas, uma alavanca avançava ou retrocedia dentro da publicação selecionada por botão que levava à página inicial do repositório; sobre a plaqueta transparente eram colocadas anotações, imagens e memorandos criados pelo usuário, para microfilmagem e armazenamento. Os documentos eram ligados visualmente em pares no Memex, usando os códigos para fazer as ligações em si. Outra alavanca navegava entre estas ligações criando caminhos; a estes caminhos eram acrescentados notas e comentários. O conteúdo armazenado poderia ser impresso, copiado e direcionado a outro Memex para aproveitamento compartilhado. Enciclopédias pré-relacionadas deveriam aparecer como bases de conhecimento em todas as áreas científicas ali contempladas. Os pesquisadores e interessados teriam acesso a estas trilhas de conhecimento e trabalhariam agregando e criando novos caminhos. Nas palavras de Vannevar Bush, entretanto, o tempo e as criações/invenções necessitam estar em harmonia, para que estas últimas possam ser

avaliadas e utilizadas como novos paradigmas, novos parâmetros de ordem:

Dois séculos atrás, Leibnitz inventou uma máquina de calcular que incorporava a maior parte dos atributos essenciais dos recentes dispositivos de teclados, mas naquela época ele não poderia ter entrado em uso. A economia da situação lhe era contrária: o trabalho envolvido na sua construção, nos dias anteriores à produção em massa, excedia o trabalho a ser economizado pelo seu uso, pois tudo o que ela poderia alcançar poderia ser duplicado por uso de lápis e papel. Mais além, ela teria sido objeto de freqüentes quebras, de maneira que não se poderia depender dela; por aquele tempo e muito depois, complexidade e falta de credibilidade eram sinônimos (BUSH, 1946, tradução nossa).

A máquina de Bush seria acessível ao público somente cerca de vinte anos mais tarde, na figura dos computadores pessoais, os PCs. Contudo parece ser incontestável sua afirmação, pois seguindo por outros caminhos teóricos, também o biólogo, antropólogo e filósofo, Gregory Bateson afirma que todo processo cultural e histórico é um processo estocástico e que nestes processos, sejam de evolução ou de pensamento, o novo só pode ser extraído do acaso.

[...] E para tirar o novo do acaso, se e quando ocorre ele se mostrar, é necessário um tipo de maquinaria seletiva para explicar a persistência da nova idéia. Deve ser obtida alguma coisa como *seleção natural* em toda sua banalidade e tautologia. Para persistir o novo deve ser de um tipo tal que resista mais que as alternativas. O que dura mais entre ondulações do acaso deverá durar mais do que as ondulações que não duram tanto. (BATESON, 1986, p. 52, tradução nossa).

Bateson, ao escrever no momento do esgotamento dos paradigmas habituais da modernidade, levanta novas hipóteses para as visões correntes dos avanços na ciência e para o papel da informação: “No lugar da seleção natural dos organismos, Bateson considerou a sobrevivência dos padrões, idéias e formas de interação” (BROCKMAN, 2004, p. 01, tradução

nossa). Ao fazê-lo, desloca o foco da sobrevivência das criaturas para a sobrevivência das suas idéias, afirmando que qualquer proposição descritiva que permaneça verdadeira por longo tempo sobreviverá às outras proposições que não sobrevivam.

Discorda, por exemplo, da idéia corrente entre os filósofos e historiadores marxistas do século XX, quanto à irrelevância do aparecimento de Charles Darwin na teoria da evolução. Contrapondo-se à idéia, narra que o argumento marxista é que em 1859 o mundo ocidental “estava pronto e maduro (talvez maduro demais) para criar e receber a teoria da evolução, que poderia refletir e justificar a ética da revolução industrial”. Compara a teoria de Darwin a de Alfred Russel Wallace, seu contemporâneo:

Entretanto, naturalmente, *importa* quem começa a tendência. Se tivessem sido o Wallace invés de Darwin, teríamos hoje uma teoria da evolução bem diferente. Todo o movimento da cibernética poderia ter ocorrido cem anos mais cedo em virtude da comparação de Wallace entre a máquina a vapor com regulador e o processo da seleção natural. (BATESON, 1986, p.50, tradução nossa).

Na mesma tendência sistematizante, Peirce, ainda antes de Bateson, já afirmava que hábitos, consolidados como crenças estáveis, definem e condicionam formas de olhar e aprender, como apontávamos no início de nosso artigo. Diversamente, é por força do hábito, segundo Peirce, que muitas vezes o homem se agarrará às suas velhas crenças, mesmo que estas não possuam bases sãs (PEIRCE, 2002, p.11, tradução nossa).

Há, como em qualquer área da produção humana, razões de ordem econômica e de poder que não podem ser desprezadas e que não estamos desconsiderando. Desenvolveram-se na modernidade grandes corporações, detentoras de licenças, direitos de autor e outros entraves que, por vezes retêm a divulgação de novas criações e inventos por dezenas de anos, até que um evento extraordinário, ou um grupo de alterações sistêmicas enfraqueça o sistema construído em torno dos interesses destes grupos e permita aos criadores/inventores a utilização e trânsito de informações que os seus modelos propõem; ou que os criadores/autores/inventores sejam vilipendiados em sua criação/autoria/invenção;

ou ainda que seus projetos sejam realizados por membros egressos dos seus grupos de desenvolvimento. Por vezes, criadores/criações, inventores/invenções aparentemente desvanecem e são limitados a inspirar outros esforços individuais ou coletivos e construções baseadas em aspectos diversos da sua visão. Estas construções talvez respondam finalmente aos desafios como levantamento de hipóteses, hábitos consolidados e crenças quando o seu tempo vier.

O hipertexto pensado por Theodore Nelson pode ser colocado nesta perspectiva. Em 1987, Eric Drexler, em *Hypertext Publishing and the Evolution of Knowledge* defendia que o sistema de hipertexto promoveria um meio aberto e relativamente barato e expandiria a expressividade da impressão tipográfica por meio dos *links*; defendia também, que a publicação eletrônica de índices de referência e trabalhos em geral iriam acelerar a transmissão de idéias e que os *links* de crítica e mecanismos de filtro acelerariam sua avaliação -o hipertexto como forma corrente de textualidade não havia ainda se consolidado em 1987.

A missão do hipertexto seria naquele momento, de acordo com o autor, a de transformar a comunicação no interior da comunidade dos pensadores sérios, incluindo aqueles que estivessem fora da comunidade científica; incorporava, porém, o objetivo mais imediato de transformar a comunicação dentro das comunidades menores, que naquele momento ainda se utilizavam das mídias em papel para a publicação de seus resultados de pesquisas.

Drexler distinguia, entretanto, várias espécies de hipertexto por seu grau de hipertextualidade. Opunha o hipertexto que denominava completo, ou cheio, ao semi-hipertexto. O hipertexto completo suportaria *links* que podiam ser seguidos em duas direções, enquanto o semi-hipertexto podia ser seguido somente em uma direção, como posteriormente no início da tradição *web*. Outra distinção proposta era entre a granulação fina ou grosseira de um hipertexto. A granulação fina implicaria na possibilidade de publicação de comentários breves sobre um trabalho, por meio da *linkagem*, cujo valor em um contexto crítico é inestimável, ao combinar grupos maiores de estruturação de idéias a outros -menores e mais localizados- de comentários críticos. Uma terceira distinção, entre público e privado, defendia que a sistematização

hipertextual pública buscasse abertura para a comunidade de forma extensiva e escalonável, suportando ampla distribuição geográfica e sendo organizacionalmente descentralizada.

Em 1987, Drexler afirmava que, de imediato, seria muito difícil alcançar uma legibilidade tão grande quanto a de livros, jornais e revistas, cujo acesso disseminado foi possibilitado a um grande número de indivíduos somente alguns séculos depois da invenção da imprensa. O autor insistia que o valor da publicação hipertextual - como de qualquer extensão protética dos sentidos humanos - não depende no fato desta se tornar um meio dominante ou mesmo extensivo, mas de que este “valor pode ser substancial enquanto o sistema é ainda pequeno e sem polimento” (DREXLER, 1987). Este é um aspecto importante que refuta a idéia de que à incorporação de recursos e de investimentos em novas tecnologias se justifique por números imediatos. Uma medida melhor de valor é a evolução do conhecimento – e conhecimento, uma vez evoluído pode ter um impacto grande através de canais convencionais. Por esta medida, o retorno pode começar enquanto o sistema é pequeno. O que significaria melhorar a efetividade de mil pessoas competentes em 10%? (DREXLER, 1987, tradução nossa).

Em 1989, Timothy Berners-Lee no Laboratório Europeu de Física das Partículas (CERN) na Suíça, se inspirou em Theodore Nelson e no seu protótipo Xanadu. Modelou-o com reduções para torná-lo um modelo simples para publicação de hipertexto, que ele denominou *World Wide Web- fenômeno também conhecido como Rede Mundial de Computadores*. A internet avançou para a construção de um hipertexto do primeiro tipo com *links* em somente uma direção, na sua primeira versão, continuísta e calçada nos hábitos de ver do texto impresso. Segundo Nelson, Bernes-Lee fez do conceito uma brilhante simplificação (NELSON, 1999), comentário rebatido por Berners-Lee em *Weaving the Web* publicado em 1999: “Vannevar, Ted e Doug estavam demasiado avançados para a sua época. Coube-me ‘casar’ as ideias deles”.

Assim, nos é possível considerar, dentro de nossa perspectiva dialética entre hábitos e

rupturas de comportamento informacional que, embora a *web*, como ambiente informacional que permite a representação e recuperação de documentos, não correspondesse inicialmente à proposta de seu idealizador, é inegável que a sua estrutura hipertextual apresentou uma evolução nas formas tradicionais de representação da informação e, ainda que não correspondesse ao idealizado por Nelson, trouxe grandes avanços ao desenvolvimento cognitivo da humanidade.

Como qualquer inovação, tecnológica ou não, primeiro se auto-organiza nas proposições e, posteriormente, exige modificações nas condições de uso com relação a padrões e parâmetros de ordem das vivências anteriores, mesmo que na linha de continuidade do uso da tecnologia da escrita sobre papel. Com a capacidade de adaptação característica das espécies -entre elas a do humano- aos ambientes em que se integra por meio de seus processos de observação, reflexão e assimilação de hábitos e crenças, ele inevitavelmente acabará por usufruir dos benefícios cognitivos desta nova tecnologia. A nova tecnologia, em contrapartida, como todo organismo vivo necessita e deve contar com atualizações que favoreçam o seu desempenho.

O que Drexler não poderia prever em 1987, e mesmo Bernes-Lee, em 1989, ao lançar a simplificação *web*, é que tão pouco tempo depois, a internet e a *web* adotariam o modelo de plataforma, descrito em conferência realizada pela O'Reilly Media em 2004, quando o fenômeno já estava claramente definido; Foi denominado *web2.0* ou *web social*, pois é constituída por uma série de princípios que definem um tipo de serviço integrado em que os programas rodam na própria internet (nos super servidores das companhias). Ao caracterizar a *web* como uma plataforma aglutinadora de portais como o Google (atualmente proprietário do *Gmail*, *Flickr* e *YouTube*, entre outros) e possuidores da essencial característica de interoperabilidade, tornaram-se, a partir do início do século XXI, a própria encarnação da nova internet.

Os portais como o Google iniciaram sua vida não como aplicativos empacotados, mas como serviços de contínuos aperfeiçoamentos que rodam sistemas operacionais de código aberto, cujos aplicativos e ferramentas são apresentados de maneira facilitada aos usuários e

cabe à companhia somente a função gerenciadora da base de dados. Estes são colocados em funcionamento por uma reunião de protocolos e padrões que cooperam entre si e são otimizados pela capacidade reunida dos equipamentos dos usuários, também disponibilizada pela interoperabilidade para aumentar a capacidade total do sistema, descentralizando-o radicalmente.

A fruição dos arquivos é facilitada pela sua fragmentação e transporte a partir de múltiplas localizações, onde quer que se encontrem os usuários, consumidores/reprodutores. Constroem assim uma "arquitetura de participação" e induzem uma ética colaborativa entre os usuários. Em 2007, convidado a discursar sobre o futuro da *web* no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Bernes-Lee afirma estar ali para oferecer algo de sua experiência, o que apreendeu da observação do crescimento da Rede e de alguns desafios implicados no seu desenvolvimento. De uma perspectiva técnica, destaca que a Rede é apenas uma coleção de páginas, escritas no formato estandardizado HTML, *linkadas* a outras páginas, com a ligação documental também estandardizada em URL, e acessadas na internet usando o protocolo de rede HTTP. Enfatiza, no entanto que a sua invenção foi apropriada como um recurso público, sobre o qual indivíduos, comunidades, companhias e governos interagem cooperativa e compartilhadamente (BERNES-LEE, 2007). Atribui o crescimento da *web* justamente à facilidade da inscrição e ligação oferecidas pela forma de codificação hipertextual das páginas e a facilidade de criação de *links* de uma página para outra às ilimitadas possibilidades de *linkagem* da *web*, sem necessidade de consultas a uma autoridade central e custos adicionais baixíssimos, senão zero.

A hipertextualidade facilitadora das novas tecnologias revela, atualmente, muito mais sobre os indivíduos, seus comportamentos, seus interesses, suas opiniões políticas, suas associações pessoais e mesmo o seu status financeiro e de saúde, informações que de outra maneira seriam inacessíveis. O modelo de rede como conjugação das diversas formas de hipertexto é uma metáfora útil que ainda dá conta de relacionar estes aspectos em um todo, e não só como novas tecnologias de informação e comunicação que se utilizam do ciberespaço.

Tim Bernes-Lee, que tornou a World Wide Web realidade, afirma que a habilidade da *web* em permitir que as pessoas construam *links* é a razão pela qual ele a veja mais como um espaço abstrato de informação do que simplesmente como uma Rede; e que é na rede, neste espaço abstrato que a informação digital sobre praticamente todos os aspectos da vida é continuamente recriada, hipertextualmente, em uma velocidade impressionante ainda que de forma muito mais rudimentar do que aquela idealizada pelas primeiras conceituações do hipertexto na década de 1960. Aponta que naquele momento, isto é em 2007, um exemplo de como as barreiras da leitura, da escritura e da *linkagem* hipertextuais são baixas é o mundo dos *blogs* que tornaram-se um meio de expressão extremamente popular para todos os assuntos, de política às notícias locais, à arte e à ciência.

Provando-se o modelo de hipertexto mais praticado então, os *blogs* criaram um alcance extensivo em um sistema de comunicação que pode transportar qualquer tipo de informação virtualmente. Diferem da TV e redes de cabo no que diz respeito ao impacto sobre a sociedade, pois são menos pervasivos. Além disto, com uma arquitetura de *links* universal e flexível, capaz de romper com fronteiras como distância, língua e domínios de conhecimento, não têm seus custos e complexidade afetados pela maioria das fronteiras que dividem as outras mídias.

4 CONSIDERAÇÕES

Em 2010, a maioria dos usuários, já é proveniente de uma geração de nativos digitais e não desconhece mais os recursos dos quais pode usufruir durante a navegação que incita, no mínimo, à recusa das separações e compartimentações comuns da leitura linear. Ao contrário, compreende a coexistência de “tensões antagônicas” em mútua relação de *permutação e substituição* que podem ser entendidas como atividades de trocas e que estão na base de “dispositivos tão diversos como o hipertexto, a informática difusa, a Internet, a empresa virtual e o hipercomércio”. (PARENTE, 2004, p.10).

Vivenciamos ainda uma abordagem transitória de hipertexto, próxima da ordem já estabelecida pelos hábitos anteriores de leitura. Evidentemente, o labirinto universal, receptáculo de representações do conhecimento humano que a *web* oferece aproxima-se mais ao caos; até que o novo hábito de se lidar com o caos possa estar mais consolidado na cultura humana, com o direcionamento dos usuários para a assimilação da nova cultura que as tecnologias da *web*, e conseqüentemente, do hipertexto, requerem, o apetite por descobertas poderá ser saciado pela própria exploração: o hipertexto constrói percursos para se explorar a internet, mas também opera como dispositivo metafórico ao interligar pensamentos em transito de passeantes cujo caminhar não é ingênuo.

HABITS, BREAKS AND NEW POSSIBILITIES OF INFORMATION AND KNOWLEDGE SHARE

ABSTRACT

The structure of the worlds we know is built on habits and is conditioned by fixed beliefs through which we filter and conform a circumscribed universe. This building process makes it essential to understand the paths of the “Information capture and recontextualization” as well as to elucidate the involvement of principles or laws that regulate and structure the ways we think and act creatively in contemporary times. The proposal of this article is to point out that Information Science, while studying the set of changes related to the establishment of new habits of the Information Society, should also provide relevant sociocultural indicators for the understanding of our historical moment. In this realm, it presents few extracted moments from the context of these changes that regard to the continuum of the shared information and knowledge desires. The procedure requires a significant retreat of the viewpoint, simultaneously placing such a movement in the scope of relations between habit and break as movements that weave relations of the world, of humankind and of distinct cultural changes.

Keywords:

Information and Technology. Habits. Shared Information. Information and Knowledge.

Artigo recebido em 26/03/2010 e aceito para publicação em 12/12/2010

REFERÊNCIAS

- ARENDT, H. A crise da cultura. In: ARENDT, H. **Entre o passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva 1972.
- BATESON, G. **Mente e natureza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986
- BERNES-LEE, T. Testimony of Sir Timothy Berners-Lee In: **Digital Future of the United States: Part I -- The Future of the World Wide Web**. Disponível em: < http://energycommerce.house.gov/images/stories/Documents/Hearings/PDF/110-ti_hrg030107.Sir-Tim-Testimony.pdf>. Acesso em: 10 maio 2010.
- BROCKMAN, J. **About Bateson**. Edge 149. Novembro 23, 2004. Disponível em: <<http://www.edge.org/documents/archive/edge149.html>>. Acesso em: 08 Ago/2007.
- BUSH, V. As We May Think. **The Atlantic on line magazine**. July 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>>. Acesso em 30/jul/2007.
- CHARTIER, R. *Da Renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. (História da Vida Privada, vol. 3, dir. Georges Duby e Philippe Ariès)
- DREXLER, E. **Hypertest Publishing and the evolution of knowledge**. 1987. Disponível em: <<http://e-drexler.com>>. Acesso em 03/ago/2007.
- GIBSON, J. J. **The perception of the visual world**. Boston: Houghton Mifflin, 1950.
- GIBSON, J. J **The ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton Mifflin, 1979.
- GONZALEZ, M.E.Q. **Abductive reasoning and self-organization**. 2000. Disponível em: <www.pucsp.br/pos/filosofia/Pragmatismo/cognitio/.../btc3_gonzalez.doc>. Acesso em 17/ Acesso em: 20 junho 2010
- GONZALEZ, M.E.Q. ; HASELAGER, W. ; GERARDUS, F. Raciocínio abduutivo, criatividade e auto-organização. **Cognitio**, São Paulo, n.3, p.22-31, nov. 2002.
- LOYTARD, J.F. **A Condição Pós-Moderna**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2006.
- NELSON, T. **Transliteration**. Disponível em: <<http://transliteration.org>> Acesso em: 18 junho 2007
- PARENTE, A. **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PEIRCE, C. S. A fixação da crença. **Popular Science Monthly**. 12/nov/1877. pp. 1-15. Tradução de Anabela Gradim Alves, Universidade da Beira Interior. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.html>> e <<http://bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixation-belief.html>>. Acesso em: 1 junho 2010.
- TURNER, M. The Art of compression. In: TURNER, M. **The Artful Mind**: Cognitive Science and the riddle of Human Creativity. New York: The Oxford University Press, 2006.